

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA ATIVIDADE DO PIBID DIVERSIDADE EM COMUNIDADES INDÍGENAS DE MATO GROSSO

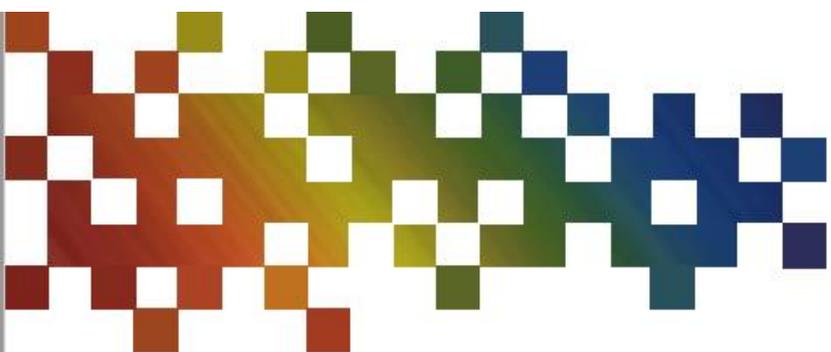
*Mônica Cidele da Cruz¹
Wellington Pedrosa Quintino²*

RESUMO: Apresentamos, neste artigo, experiências vivenciadas durante as oficinas de “Contação de histórias”, como parte de atividades do Pibid Diversidade da UNEMAT, que tem como objetivo principal produzir materiais didáticos específicos nas/para escolas indígenas da educação básica de Mato Grosso. Ele nasceu da grande demanda e necessidade de formação de professores indígenas para atuarem em suas próprias comunidades em diferentes áreas do conhecimento e, também, por se constatar a enorme escassez de materiais didáticos específicos para essas escolas. O projeto atende cerca de 70 escolas indígenas de Mato Grosso, onde atuam os professores indígenas de 32 etnias diferentes e em formação continuada, matriculados nos cursos de Licenciatura Intercultural: Línguas, Artes e Literatura, Ciências Sociais, Ciências Matemáticas e da Natureza e Pedagogia Intercultural. As atividades são desenvolvidas em conjunto com a Faculdade Intercultural Indígena, em complementação ao currículo dos cursos de Licenciatura, por meio da realização de oficinas de produção de materiais didáticos bilíngues (língua materna indígena/português) e monolíngues em língua materna, respeitando-se sempre os anseios e necessidades de cada comunidade indígena. Essas oficinas são desenvolvidas em terras indígenas, com a participação dos professores das escolas locais, alunos e comunidade em geral. Em sua primeira edição, o projeto publicou 43 títulos, com temáticas diversas, relacionadas à cultura, língua, educação, festas, rituais, plantas medicinais, alimentação, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Pibid diversidade, Formação de professores indígenas, Contação de histórias.

¹ Professora Adjunto da UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), vinculada ao Departamento de Letras - Tangará da Serra-MT. Atualmente ocupa a função de Coordenadora Pedagógica do curso de Licenciatura Intercultural da Faculdade Indígena Intercultural da Unemat. Linha de pesquisa: Documentação e descrição de línguas indígenas e ensino-aprendizagem de Leitura, escrita e gramática.

² Prof. doutor em linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Atua na área de descrição e documentação de Língua Indígenas. É especialista em fonologia de línguas Gê. É professor titular do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT.



STORYTELLING: AN ACTIVITY OF THE PIBID DIVERSITY IN INDIGENOUS COMMUNITIES OF MATO GROSSO

ABSTRACT: We present, in this article, experiences from "storytelling" workshops, as part of activities of the UNEMAT's Pibid Diversity whose main objective is to produce specific didactic materials for basic education indigenous schools in Mato Grosso. The project was created due to the great demand and need for the training of indigenous teachers to work in their own communities in different areas of knowledge and due to the huge shortage of specific learning materials for these schools. The project serves about 70 indigenous schools in Mato Grosso, with 32 indigenous teachers from different ethnicities and in continuing professional developed, pursuing the following intercultural Degrees: Languages, Arts and Literature; Social Sciences, Mathematical and Nature Sciences; and Intercultural Pedagogy. The activities are developed with the Intercultural Indigenous Faculty in order to complement the degrees by means of workshops for the production of monolingual (in their mother tongues) and bilingual teaching materials (in indigenous mother tongue and Portuguese), always respecting the wishes and needs of each indigenous community. Those workshops were developed in indigenous lands, with the participation of indigenous teachers from local schools, their students and the whole community. In its first edition, the project published 43 titles, with various themes related to culture, such as language, traditional education, holidays, rituals, medicinal plants, food, among others.

KEYWORDS: Pibid diversity. Training of indigenous teachers. Storytelling.

CUENTA DE HISTORIAS: UNA ACTIVIDAD DEL PIBID DIVERSIDAD EN COMUNIDADES INDÍGENAS DE MATO GROSSO

RESUMEN: Presentamos, en este artículo, experiencias vivenciadas durante los talleres de "Cuentas de historias", como parte de actividades del Pibid Diversidad de UNEMAT, que tiene como objetivo principal producir materiales didácticos específicos en las escuelas indígenas de la educación básica de Mato Grosso. Él nació de la gran demanda y necesidad de formación de profesores indígenas para actuar en sus propias comunidades en diferentes áreas del conocimiento y también por constatar la enorme escasez de materiales didácticos específicos para esas escuelas. El proyecto atiende cerca de 70 escuelas indígenas de Mato Grosso, donde actúan los profesores indígenas de 32 etnias diferentes y en formación continuada, matriculados en los cursos de Licenciatura Intercultural: Lenguas, Artes y Literatura, Ciencias Sociales, Ciencias Matemáticas y de la Naturaleza y Pedagogía Intercultural. Las actividades se desarrollan en conjunto con la Escuela Indígena Intercultural, además del plan de estudios de las titulaciones, mediante la realización de talleres de producción de materiales educativos bilingües (lengua materna indígena / portugués) y monolingües en la lengua materna, respetando siempre

los anhelos y necesidades de cada comunidad indígena. Estos talleres se desarrollan en tierras indígenas, con la participación de los profesores de las escuelas locales, los alumnos y la comunidad en general. En su primera edición, el proyecto publicó 43 títulos, con temáticas diversas, relacionadas a la cultura, lengua, educación, fiestas, rituales, plantas medicinales, alimentación, entre otros.

PALABRAS CLAVE: Pibid diversidad, Formación de profesores indígenas, Cuenta de historias.

Introdução

Em consonância com o objetivo do Pibid Diversidade que é o de promover o aperfeiçoamento da formação inicial de professores para o exercício da docência nas escolas indígenas de educação básica e tendo como meta apoiar o desenvolvimento das atividades de iniciação à docência, propusemos, em 2014, o projeto “Elaboração de Materiais Didáticos nas/para as escolas indígenas de Mato Grosso”. Ele nasceu da grande demanda e necessidade de formação de professores indígenas para atuarem em suas próprias comunidades em diferentes áreas do conhecimento e, também, por se constatar a enorme escassez de materiais didáticos específicos para essas escolas.

O projeto divide-se em quatro subprojetos: Ciências Humanas e Sociais, Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza e Matemática e Interdisciplinar, beneficiando cerca de 70 escolas indígenas de Mato Grosso, onde atuam os professores indígenas de 32 etnias em formação, matriculados nos cursos de Licenciatura Intercultural (Línguas, Artes e Literatura, Ciências Sociais e Ciências Matemática e da Natureza) e Pedagogia Intercultural.

As atividades são desenvolvidas em conjunto com a Faculdade Indígena Intercultural, em complementação ao currículo dos cursos de licenciatura, por meio da realização de oficinas de produção de materiais didáticos bilíngues (língua materna indígena/português) e monolíngues em língua materna, respeitando-se sempre os anseios e necessidades de cada comunidade indígena. Essas oficinas são desenvolvidas

em terras indígenas, com a participação dos professores das escolas locais, alunos e comunidade em geral.

Em sua primeira edição, o projeto atendeu a 100 bolsistas e como resultado do trabalho, publicou 43 títulos, com temáticas diversas, relacionadas à cultura, língua, educação, festas, rituais, plantas medicinais, alimentação, entre outros. Entendemos com isso que, além de inserir os licenciandos nas atividades escolares de docência, o projeto possibilita, também, a produção de materiais didáticos com a participação de alunos das escolas indígenas.

Nesse sentido, é preciso considerar a importância da pesquisa e da produção de materiais didáticos próprios, específicos e diferenciados, que possam subsidiar uma Educação Escolar Indígena de qualidade sociocultural, que possibilite aos povos indígenas, “a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências”, como prevê a LDB.

Essas políticas educacionais voltadas para a educação escolar indígena estão amparadas pela Constituição Federal de 1988, especificamente, no capítulo III, artigo 210 em que é assegurado aos indígenas a formação básica comum e o respeito aos seus valores culturais e artísticos. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, fica assegurado, às comunidades indígenas, o direito à educação escolar, cujo objetivo é fortalecer as práticas culturais e a língua materna.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para Diversidade - PIBID-Diversidade - faz parte da política educacional do governo federal que tem contribuído, sobremaneira, para formação inicial e continuada de professores indígenas, pois contempla não apenas indivíduos isolados, mas toda a diversidade étnica e cultural constitutiva do estado de Mato Grosso.

É um programa que atende aos princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), no que se refere à formação de pessoal

especializado para atuar na área da educação escolar indígena e a elaboração e publicação de materiais didáticos específicos e diferenciados.

Atualmente o projeto sofreu ajustes de cotas e passou a atender 29 bolsistas distribuídos, como já mencionado anteriormente, entre os quatro subprojetos. Conta com a orientação de 4 coordenadores de área, 5 supervisores e 1 coordenador institucional.

Neste texto, trataremos das ações desenvolvidas em 2015, ano em que realizamos diversas oficinas pedagógicas em território indígena, denominadas de “Contação de histórias”, que consistem no registro escrito de narrativas constitutivas da cosmologia dos diferentes grupos étnicos participantes do projeto. Tais oficinas contaram com a participação dos bolsistas, alunos da educação básica, professores das escolas nas quais realizamos as oficinas, anciões e comunidade em geral.

No primeiro semestre de 2015, realizamos oficinas pedagógicas em 5 polos: Marãiwatsédé (Xavante, Tapirapé e Karajá) - município de Bom Jesus do Araguaia; Pavuru (Ikpeng, Yawalapiti, Mehinako, Waurá, Kamayurá, Suyá, Trumai, Kisêdjê) - município de Feliz Natal; Kopenoty (Terena, Kayapó, Yudjá, Tapayúna) - município de Peixoto de Azevedo; Tatuí (Kayabi, Apiaká, Myky, Suruí, Rikbaktsa, Irantxe e Cinta Larga) - município de Juara e Vila Nova Barbecho (Chiquitano, Umutina, Bororo, Paresi, Nambikwara) - município de Porto Esperidião.

No segundo semestre, desenvolvemos atividades em mais 5 polos: Pakuera (Bakairi, Umutina, Bororo, Paresi e Chiquitano) município de Paranatinga; Kururuzinho (Munduruku, Apiaká, Terena, Kayapó), município de Alta Floresta; Mayrob (Apiaká, Kayabi, Munduruku, Irantxe, Myky, Rikbaktsa, Cinta Larga), município de Juara; Itxalá (Karajá, Xavante, Tapirapé), município de Santa Terezinha e Wawi (povos do Xingu), município de Querência.

Os resultados dessas oficinas foram a produção de diversos títulos relativos aos mitos indígenas de cada etnia.

Breve histórico dos cursos de Licenciatura Intercultural da Unemat

Em 2001, a Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, dá início a primeira turma de Licenciatura Específica para formação de professores indígenas, com três habilitações: Línguas, Artes e Literatura; Ciências Matemáticas e da Natureza e Ciências Sociais.

O objetivo dos cursos é a formação e a habilitação de professores indígenas para o exercício docente no Ensino Fundamental e em disciplinas específicas do Ensino Médio nas escolas das aldeias. A duração é de cinco anos, com a carga horária total de 4.025 horas, distribuídas em 10 etapas de Estudos Presenciais, 10 etapas (Intermediárias) de Estudos Cooperados de Ensino e Pesquisa, Estágio curricular Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso.

A primeira turma (2001-2006) contou com acadêmicos indígenas de vários estados do Brasil, sendo ofertadas 180 vagas para Mato Grosso e 20 vagas para demais regiões do país. Do total de 200 acadêmicos, formaram 186. A instituição graduou acadêmicos representantes dos povos Kaxinawá (AC), Manchineri (AC), Wassu Cocal (AL), Baniwa (AM), Tikuna (AM), Baré (AM), Pataxó (BA), Tuxá (BA), Tapeba (CE), Tupinikim (ES), Potiguara (PB), Kaingang (RS e SC) e Karajá (TO).

A 2ª turma (2005-2009) contou com 100 vagas, ofertadas somente para indígenas de Mato Grosso, das quais foram graduados 90 acadêmicos. Para a terceira turma (2008-2012), foram oferecidas 50 vagas e para a quarta turma (2012-2015), mais 50 vagas.

A partir de 2012, além dos cursos de Licenciaturas Específicas, a UNEMAT passou a ofertar também o curso de Pedagogia Intercultural, para o qual abriu 50 vagas, todas ocupadas por professores de aldeias indígenas, pertencentes a 32 povos do estado de Mato Grosso.

O curso de Pedagogia tem como objetivo a formação de docentes para atuar na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e Médio e nas áreas de

serviços de apoio escolar, em ambientes escolares e não escolares. Busca a formação do educador reflexivo, conhecedor do contexto socioeconômico, cultural e político do país e da região em que está inserido.

Atualmente, há acadêmicos das seguintes etnias matriculados nos cursos: Apiaká, Arara, Aweti, Bakairi, Bororo, Cinta Larga, Chiquitano, Ikpeng, Manoki/Irantxe, Juruna, Kalapalo, Kamaiurá, Karajá, Kayabi, Kuikuro, Matipu, Mebêngokrê, Mehinako, Myky, Munduruku, Nafukuá, Nambikwara, Paresi, Rikbaktsa, Paíter/Suruí, Kisêdjê/Suyá, Tapayuna, Tapirapé, Terena, Trumai, Umutina, Waurá, Xavante e Yawalapiti.

Nesses 16 anos de oferta de graduação para indígenas, a instituição já formou cerca de 450 professores, consolidando-se como uma instituição pública pioneira na oferta de ensino superior para povos indígenas.

Oficinas de contação de histórias: atividades do Pibid Diversidade

As oficinas de “Contação de histórias” têm como objetivo, além de fazer o registro escrito de narrativas (mitos) constitutivas da cosmologia dos diferentes grupos étnicos participantes do projeto, valorizar a modalidade oral da língua, o conhecimento e sabedoria dos anciões, detentores e conhecedores das histórias de seu povo.

De acordo com Piratá Waurá, “as histórias tradicionais são de suma importância para a aprendizagem das crianças e jovens, pois narram e explanam importantes aspectos de sua cultura. Além de se constituírem como reservatórios de história e conhecimento ancestral, estas narrativas compõem a literatura tradicional” (2016, p. 07).

Sabemos que o registro escrito dessas narrativas, neste contexto de produção, pode didatizar essas histórias, mas por outro lado, é uma forma de preservar essa riqueza tão importante que faz parte da cultura de cada povo.

Para Atakaho Waurá³, em depoimento ao trabalho de TCC de Piratá Waurá, intitulado: “Literatura na educação básica do povo *Waurá*: entre oralidade e a escrita” (2016), opina que “publicar os conhecimentos de narração em escrita também é uma forma de outro povo, principalmente, não indígena conhecer a nossa realidade que temos a originalidade de ser humano, que muitas pessoas não nos conhecem”.

Neste texto, referimo-nos a narrativas como mitos indígenas que na concepção de Brandão:

[...] o mito são narrativas de composição simples e que têm uma explicação de uma necessidade que temos nós os seres humanos, de dar sentido para as coisas, para os fenômenos que nos cercam. Focando nas raízes culturais de um povo, revelando-nos o seu conhecimento de mundo, seu modo de ver a realidade. Dessa forma, o mito constitui um gênero narrativo que faz parte da construção da identidade de um povo (BRANDÃO, 2011, p. 48).

Reforçando o que diz Brandão (op.cit), entendemos que o mito é uma marca de identidade muito forte de cada povo, que explica a origem das coisas, a própria origem do povo. Mitos estes, carregados de espiritualidade, cosmologia entre outros aspectos. Por meio dos mitos, narrados tradicionalmente através da oralidade, ensina-se às pessoas, às crianças, as coisas do mundo (palavras de Piratá). É um conhecimento empírico guardado na memória dos anciões, considerados os grandes historiadores do povo.

Abaixo, apresentamos, também, a opinião do professor Piratá Waurá, em relação ao registro escrito dessas narrativas. Vejamos o que ele escreve:

[...] com a chegada da escola na aldeia se faz necessário o registro dessas histórias em forma de livros didáticos para os professores trabalharem com as crianças na prática de leitura na sala de aula, que

³ Cacique da aldeia Waurá – Alto Xingu (Informação retirada do Trabalho de Conclusão de Curso do professor Piratá Waurá, “Literatura na educação básica do povo *Waurá*: entre oralidade e a escrita” (2016).

pode ajudar muito os alunos a ter acesso a esses conhecimentos que não estarão apenas na oralidade, mas que se transformarão em escrita e, assim, permitirão que se conheçam os diversos elementos presentes na cultura do povo *Waurá*, que antes só se tinha acesso por meio da oralidade. Com esses registros, as ciências tradicionais assumem grande importância que pode chamar a atenção dos alunos indígenas com o intuito de fazê-los gostar da leitura e entender tanto o valor das histórias para reforçar a identidade cultural do seu povo [...]. (2016, p.07)

Nesse aspecto, compreendemos que o registro escrito dessas narrativas irá contribuir para o fortalecimento dos conhecimentos tradicionais nos currículos das escolas indígenas e, por que não dizer, também, não indígenas. Dessa forma, a literatura indígena poderia circular também nas escolas não indígenas tal qual a literatura ocidental que circula nas escolas indígenas. É uma forma (não única, é claro) de se estabelecer um diálogo entre os conhecimentos indígenas e não indígenas, como possível caminho para se reforçar relações e trocas interculturais (WAURÁ, 2016).

Socializando a experiência...

Nestes dois semestres de 2015, as oficinas de “Contação de histórias” foram realizadas em comunidades do Alto, Médio e Baixo Xingu, e em comunidades Terena, Kayabi, Apiaká, Chiquitano, Bakairi, Munduruku e Karajá. Embora o objetivo principal seja a produção de materiais de apoio didático para as escolas indígenas, por meio do registro escrito dessas narrativas, valorizamos, também, a prática da modalidade oral da língua, e o trabalho conjunto com os alunos da escola básica de cada aldeia, envolvimento dos professores, comunidade, cursistas e anciões da aldeia. Os anciões têm um papel fundamental nesse processo, pois são eles que irão contar essas histórias para os grupos participantes das oficinas. Essas contações se dão, prioritariamente, na língua materna indígena, a não ser que a etnia já não tenha mais falantes da língua nativa. Nesse caso, as histórias são relatadas em língua portuguesa e, posteriormente, escritas. Quando a história é narrada na língua indígena, faz-se, num segundo momento, Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.

a versão para a língua portuguesa. Desse trabalho, portanto, podem resultar materiais monolíngues em português e bilíngues língua indígena-português, de acordo com as necessidades e escolha dos professores indígenas e comunidade.

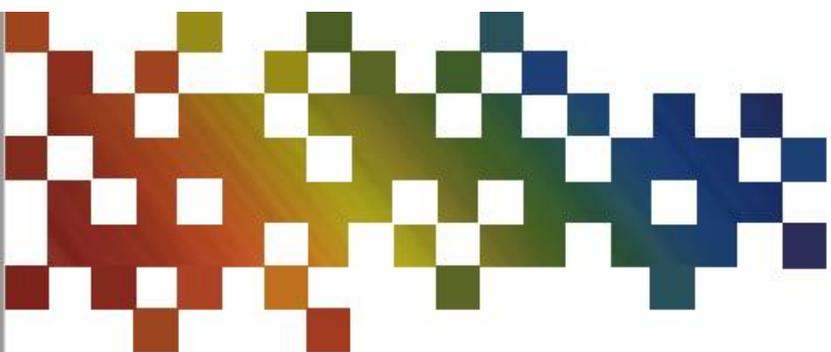
Para ilustrar nossa experiência, apresentamos a seguir, exemplos das atividades desenvolvidas nas oficinas de contação de histórias.

Para o desenvolvimento das oficinas, o trabalho foi assim organizado:

1. Preparação para o registro oral da narrativa ... ouvindo a história

Neste momento, o grupo de bolsistas, professores e alunos, juntamente com coordenadores de área e supervisores do Pibid, reúnem-se para elaborar o roteiro do registro oral e escrito da narrativa, antes da contação. A narrativa é selecionada pelo grupo, de acordo com a indicação dos membros da comunidade, onde está sendo desenvolvido o projeto. Em seguida, o grupo faz o convite para o ancião, sabedor das narrativas, para participar da roda de contação de histórias, momento em que é gravada história contada pelo ancião.

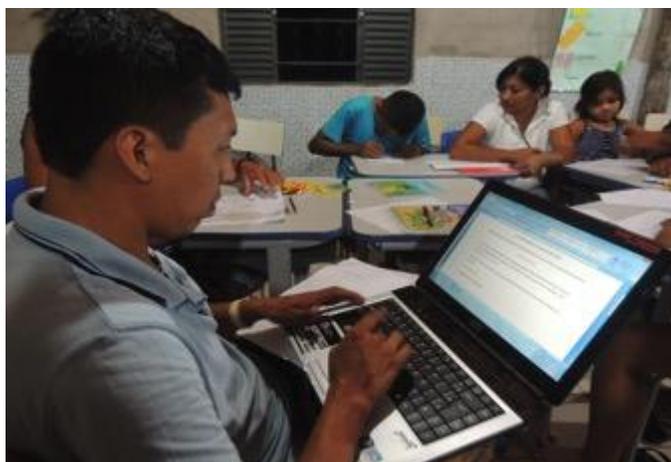
A foto abaixo ilustra o momento da contação da história, numa oficina realizada na aldeia Vila Nova Barbecho, do povo Chiquitano. Nesta oficina, além dos bolsistas Chiquitano, participaram Paresi, Bororo, Umutina, Bakairi e Nambikwara.



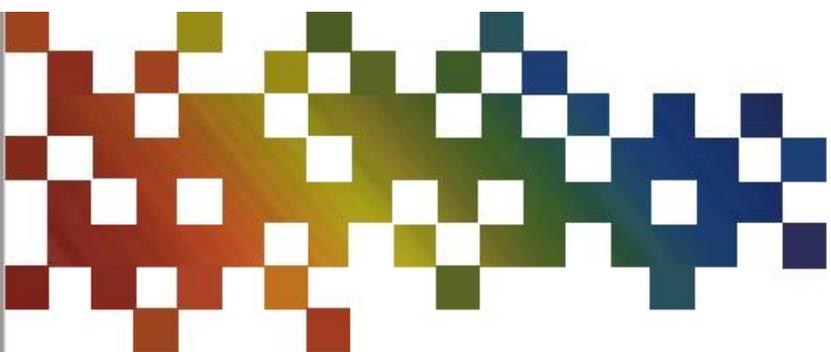
(Seu Nicolau Chiquitano contando a história)
Acervo: Faculdade Indígena Intercultural

2. Registro da narrativa ... da oralidade para a escrita

Nessa etapa, os bolsistas, juntamente com os supervisores do projeto e professores da escola fazem o registro escrito da narrativa. Nesse momento, é importante o cuidado com a escrita da língua, por isso, é fundamental a participação e ajuda dos professores que têm mais domínio da língua, principalmente, da modalidade escrita.



(Supervisor Laucino Mendes Chiquitano)



Acervo: Faculdade Indígena Intercultural

3. Dar colorido à história no papel... Ilustração da narrativa

Depois do registro escrito, passa-se à ilustração da narrativa. Nesse momento, os alunos participam da atividade, geralmente, aqueles que têm mais facilidade com o desenho e a pintura. Nessa parte da atividade, os bolsistas orientam os alunos quanto ao cuidado e o capricho com as ilustrações, pois farão parte do livrinho que as crianças irão ler na escola.

Abaixo, ilustramos um momento em que alunos da escola (aldeia Vila Nova Barbeho) estão ilustrando as histórias relatadas pelos anciões.



(Alunos Chiquitano)

Acervo: Faculdade Indígena Intercultural

4. Dar vida aos personagens ... Preparação do grupo para dramatização da história

Finalizados o registro escrito e ilustração da história, em forma de boneco de um livro, cada grupo se organiza e partem para o ensaio. Abaixo temos um grupo de participantes ensaiando a história numa oficina realizada na aldeia Tatuí. Nessa oficina,



participaram bolsistas Kayabi, Apiaká, Munduruku, Myky, Manoki, Paíter-Suruí e Cinta Larga.

Vale destacar que, além de colocar em prática o talento de cada ator, outro desafio é que o grupo confeccione as vestimentas e o cenário das apresentações com material encontrado na própria aldeia. Nesse momento, a criatividade e o improviso são colocados na cena.

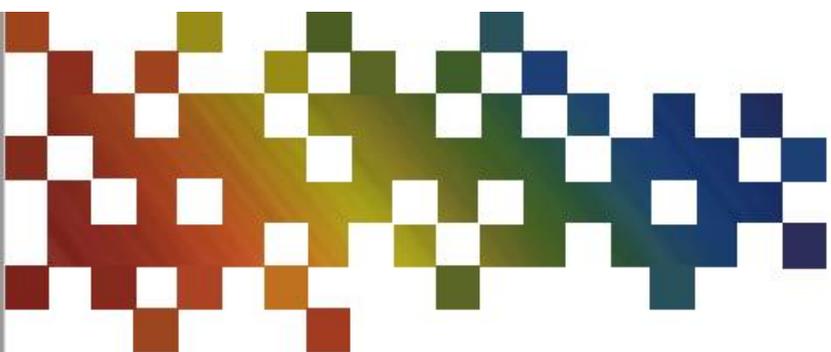


Aldeia Tatuí-povo Kayabi
Acervo: Faculdade Indígena Intercultural

5. Dramatização da história e apresentação para a comunidade local

Um dos momentos mais esperados por todos é a apresentação dos grupos para a comunidade. A título de ilustração, trazemos, a seguir, foto da dramatização de uma das muitas narrativas relatadas, na aldeia Tatuí. Participam da atividade os bolsistas pibidianos, professores da escola, alunos e pessoas da comunidade.

Nessa foto, o grupo está apresentando a narrativa intitulada: “A cutia e o macaco”, que conta a história da cutia que engravidou do macaco, enquanto seu marido saía para caçar. É uma das narrativas que faz parte da cosmologia *Kawaiwete*.



As oficinas de contação de histórias oportunizaram aos cursistas o uso da modalidade escrita na língua materna indígena e língua portuguesa e o uso da modalidade oral, no momento em que as histórias são oralizadas e dramatizadas para a comunidade. Outro aspecto importante, também, é a integração da escola com a comunidade e a participação, especialmente, dos anciões, que se sentem felizes, valorizados e orgulhosos em compartilharem seus conhecimentos ancestrais.



Apresentação na *Escola Estadual Indígena Juporijup*- aldeia *Tatui*
Acervo: Faculdade Indígena Intercultural

6. Resultado final das oficinas ... o boneco do livro

O resultado final das oficinas de “Contação de histórias” é o boneco do livro. Cada grupo, depois de revisar todo o material, entrega aos coordenadores de área do Pibid suas produções que, posteriormente, passarão pelo processo de diagramação e editoração.

De todas as oficinas realizadas, estão em processo de revisão e diagramação 50 títulos que, publicados, retornarão para as escolas das aldeias como material de apoio



didático. Uma parte dos exemplares ficará para a escola da aldeia na qual se realizou a oficina.

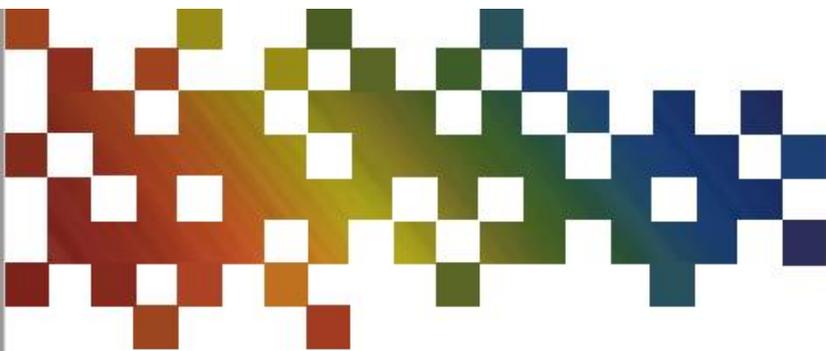
A título de ilustração, seguem abaixo, recortes de narrativas produzidas nas diversas oficinas realizadas. São produções monolíngues na língua indígena, monolíngues em português, e produções bilíngues português/língua indígena, dependendo da situação de uso da língua e decisão dos professores e comunidade. Observamos que, embora em muitas situações, o português seja a língua dominante na comunidade, percebe-se a presença de traços da memória da língua nativa nos textos escritos. Em alguns casos, a opção pelo registro em português é pelo de fato de não haver pessoas na comunidade com domínio escrito da língua indígena.

Abaixo, apresentamos três recortes de situações de produção que resultaram em:

1. Texto bilíngue língua materna indígena/português



- _ Alâ kulâ mery? Kely.
- _ En hem, alâ kulâ, tynwantaguneba merâ, kely.
- Ipa târâ ise âwanikely âpa aiedyly.



_ Ádykâ ymery ? Kely. Nhinly, myan yam, myan yam, nepyra lelâ. Aituo âsenanâguely tuso agâ tâtâhobyryam lelâ wane idâly, netombyra lelâ, âtâemba lelâ mârâ idâhobyry, toenzepa tymery ingâsedly.

_ Ymery, ymery, kely.

Nâjihoguoba lelâ, aituo tâtyam odopâdyly todomodoam, todo modoram aguely.

_ Ymery izetonro mâkeba inanrym âmaemo, kurâ iepadyby keba awyly tutezelâ âmaemo, iweâma tusonuneba, tymegueba warâ urâ, kely. Tâsewâniduo.

Warâ xirâ unâ âwanikely.

Era uma vez uma mulher que nunca havia se casado. Um dia ela encontrou uma tanajura e disse:

_ Queria um marido igual a este Tanajura!

Caminhando um pouco distante, um homem apareceu pra ela e disse:

_ O que você disse?

_ Não disse nada! Só disse pra Tanajura que queria ter um marido igual a ele, porque as mulheres ficam com ciúme dos seus maridos quando a gente brinca. Só disse isso.

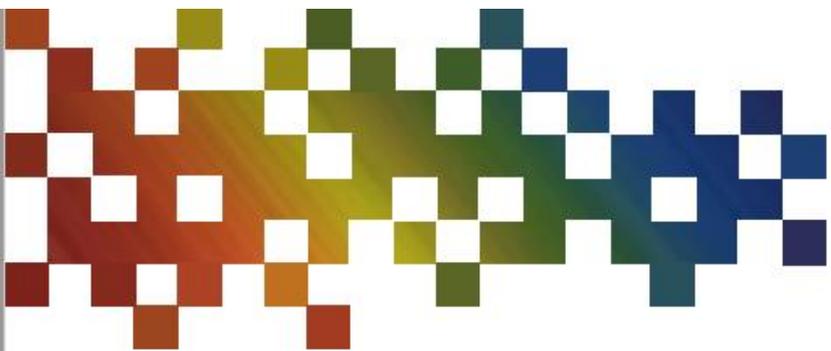
O homem perguntou:

_ Você quer ter marido? Então vou ser seu marido.

Recorte extraído do livro (ainda não publicado) *Âwânram imery idâhobyry*, (O filho do Tanajura) do povo Bakairi.

2. Textos em português com traços da língua indígena

Contam os mais velhos que a história de nossa origem teve início com a existência de dois seres: o *Tatúsinga* e o *Ypytáng*, que tinham uma disputa de quem conseguia pescar mais peixe em uma *Ipiá*. O *Ypytáng* tinha inveja e ficava vigiando o *Tatúsinga* para saber como ele conseguia pegar peixe. Ele observou que o *Tatúsinga* usava cipó de *tracúá* como linha e unha de *Kwandôa* como anzol e uma vara.



Recorte extraído do livro “Mito de origem do povo Apiaká” – Aldeia Kururuzinho

3. Texto somente na língua portuguesa

No começo dos tempos, havia um grande pajé tão poderoso, que se achava acima de Deus.



Certo dia, ele chegou em sua casa e encontrou sua mulher com outro. Muito zangado, ele gritou:

– O que está acontecendo aqui? Não acredito que você teve coragem de me trair!
Agora vou te matar!

Trecho extraído da narrativa “Origem do povo Kayabi”, produzido na aldeia Kururuzinho

Considerações Finais

Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.38.1, p. 01-192, maio-agosto.2018.

O Pibid Diversidade é uma das políticas de educação do governo federal que tem contribuído de forma bastante produtiva para a formação de professores indígenas em formação. Por intermédio das atividades, tem proporcionado aos bolsistas, participantes do projeto, maior autonomia em relação à pesquisa, interesse em registrar questões da cultura, conhecimentos tradicionais e da língua materna. Podemos perceber, também, melhoria no desempenho didático em sala de aula, aspecto observado durante os estágios de regência dos acadêmicos.

Outro resultado importante é a publicação e aquisição de materiais didáticos específicos, nas áreas de Ciências Sociais, Linguagem, Matemática e Ciências da Natureza, que servem como apoio didático nas escolas indígenas de Mato Grosso. Nesse sentido, é preciso considerar a importância da pesquisa e da produção de materiais didáticos próprios, específicos e diferenciados, que possam subsidiar uma Educação Escolar Indígena de qualidade sociocultural, que possibilite aos povos indígenas, “a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências”, como prevê a LDB.

Além dessas questões, o programa tem proporcionado a visita da equipe pedagógica (coordenadores de área) às comunidades indígenas para acompanhamento e orientação aos projetos, momento em que a Universidade tem a oportunidade de conhecer a realidade das escolas indígenas e o trabalho dos professores, o que possibilita a implantação e melhoria de políticas de ensino na área da Educação Escolar Indígena e melhorias dos cursos de Licenciaturas Específicas para a formação de professores indígenas que já são ofertados e outros que poderão ser ofertados futuramente pela Universidade do Estado de Mato Grosso. O programa, também, está proporcionando a participação e o envolvimento dos alunos da Educação Básica dessas escolas, nos trabalhos desenvolvidos por cada bolsista, seja por meio da produção de textos, ilustração de desenhos, pesquisa de campo, filmagens, enfim, atividades relativas a cada temática trabalhada.

Outro ponto positivo é a participação e assiduidade de quase 100% dos bolsistas às atividades programadas. Aqueles que faltaram às oficinas foi por motivo de problemas familiares (luto em família) ou questões culturais. (Festas tradicionais, rituais sagrados).

Enfim, o programa tem possibilitado à Unemat estreitar relações com as escolas indígenas da educação básica, uma vez que a valorização desse espaço constitui uma das características da proposta ora apresentada, com o intuito de construirmos saberes teórico-práticos fundamentados na realidade educacional, buscando caminhos de superação dos problemas do processo de ensino-aprendizagem, a partir de experiências e estratégias didático-pedagógicas bem-sucedidas e desenvolvidas na escola. Isso possibilita aos futuros professores entendimentos da dinâmica educacional e o ensino dos conteúdos escolares num contexto real de atuação do trabalho do professor, bem como, um contínuo diálogo e interação com profissionais mais experientes e que estão em atuação nas escolas públicas.

As ações, dos subprojetos estão possibilitando, também, o envolvimento do bolsista com a pesquisa, o aperfeiçoamento em relação à leitura e a produção de textos, além da valorização de questões relacionadas aos saberes tradicionais, língua materna e cultura de cada povo. Tais ações didático-pedagógicas são planejadas, levando em conta a relação entre a Universidade e a Educação Básica. Com essas ações, podem-se mobilizar os acadêmicos, os professores e os alunos das escolas indígenas com intuito de dinamizar o contexto de formação de cada envolvido, despertando ideias e atitudes que possam modificar o projeto político-pedagógico, tanto das escolas como da universidade.

Por fim, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência para Diversidade faz parte da política educacional do governo federal que tem contribuído, sobremaneira, para formação inicial e continuada de professores indígenas, pois

contempla não apenas indivíduos isolados, mas toda a diversidade étnica e cultural constitutiva do estado de Mato Grosso.

Referências

BRANDÃO, Helena Nagamine. (Coord.). **Gêneros do discurso na escola: Mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica**. Ed. 5. São Paulo: Cortez, 2011. (Aprender e Ensinar Com Texto, V.5).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. Lei nº 9394/1996. Brasília, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998

Projeto Político Pedagógico dos Cursos de Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas. Unemat, 2001.

WAURÁ, Piratá. Literatura na educação básica do povo Waurá: entre oralidade e a escrita. Monografia. Unemat, 2016.

<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid-diversidade>. Acesso em 29/05/2017.